

BOLETIM DO CRIADOURO CAMPO DAS CAVIÚNAS

Nº 8 AGOSTO DE 2003

**REDATOR: Dr. JOSÉ CARLOS PEREIRARUA JOAQUIM DO PRADO, 49.
CRUZEIRO/SP. TELEFAX 0xx12 31443590
Dr.josecarlos2000@aol.com**

ELUCUBRAÇÕES SOBRE A GENÉTICA DO CANÁRIO-DA-TERRA

No papo com o Taddei no GET afloraram duas situações:

1-Como chegar à homozigose adequada para facilitar a transmissão da característica desejada?

2-Podem haver dois ou mais caminhos:

21-O mais fácil seria através das consangüinidades, onde se conseguiria homozigose em caracteres determinados, direta ou indiretamente, através de alelos vindos de um mesmo ancestral;

22- Chegar aos dois alelos(genes que ocupam o mesmo locus) de um mesmo par trazendo a mesma característica qualitativa de pai e mãe não aparentados;

Explicando:

a-A fixação de uma mutação de cor, trabalhando com um ou muito poucos genes, certamente seria mais lógica e efetiva com o uso de consangüinidades, pois, uma homozigose, isto é, com os dois genes para a determinada cor vindos de um mesmo pássaro. O paraíso seriam os dois alelos que compõem o par terem capacidade de dominância sobre os alelos do par de genes que trazem as mesmas características do parceiro/parceira a ser usado. Dai o grande valor, por exemplo, das fêmeas recessivas para o fator desejado;

b-Agora vamos ao temperamento, parte herdada do comportamento (temperamento, herdado + caráter, ambiental), no qual, incluo o canto e a fibra. O canto, sim, porque os pássaros não cantam para somente alegrar os nossos ouvidos e sim como parte do comportamento para conquistar a fêmea e impor domínio territorial. Aqui o buraco é mais embaixo. Com quase certeza o temperamento tem determinismo poligênico (sofre a ação de vários genes que se complementam, compõem-se, anulam-se ou somam-se) e, na composição do comportamento, soma-se ao caráter que, com toda a certeza, é multifatorial (sofre ação de vários fatores ambientais, inclusive o manejo). E o próprio temperamento por si só sofre a ação de vários fatores ambientais desde a concepção (uma fêmea mal nutrida irá gerar filhotes mal nutridos que jamais terão o mesmo temperamento de filhotes que nasceram hígidos). Claro que tudo isto é dito de maneira simplista, pois a genética é muito mais intrincada e cheia de meandros.

Vou teorizar sobre os canários-da-terra. É claro que sofreram através dos anos (talvez às centenas) uma seleção genética natural que permitiu a eles o fenótipo e o comportamento padronizados e uniformes encontrados hoje. Conheço, pois sou mais velho do que a maioria de vocês, os canários-da-terra há mais 50 anos. E posso afirmar de cadeira: não mudaram nada nesse mais de meio século no fenótipo e no comportamento, inclusive o canto estalado. Claro que tudo isso foi conseguido com cruzamentos naturais consangüíneos (há autores que afirmam que, ao serem desmamados, os filhotes distribuem por uma grande área, para, entre outros motivos,

evitar consangüinidades muito fechadas) e, mais raramente, não consangüíneos. E o pessoal que os caçava, vivendo num período em que as comunicações não eram tão fáceis, criavam com machos ou fêmeas pertencentes aos bandos das suas regiões. Mantinham, não intencionalmente ou visando qualquer objetivo genético é claro, os mesmos cruzamentos da Natureza, portanto, as mesmas consangüinidades. Verdadeira simbiose genética homem-Natureza.

Exemplifico com o sul mineiro aqui da Mantiqueira, se não o maior, pelo menos um dos maiores mananciais de canários-da-terra do Brasil. Podem andar por Caxambu, Cruzília, S. Lourenço, Itanhandu, Passa Quatro, Itajubá, Lambari, Heliadora, Campanha, Monsenhor Paulo, Careaçú e Pouso Alegre e verão que os canários mantêm um mesmo biótipo, muito boa qualidade média de temperamento e o mesmo padrão de canto estalado. Interessante do ponto de vista sociológico, se assim posso me expressar, é que o manejo é, mais ou menos, o mesmo entre todos os criadores. O bom papo e a proverbial hospitalidade mineira completam o quadro sociológico. E, dando sustentação à tese adotada por muitas pessoas de que o problema da extinção de espécies animais é muito mais devido à destruição dos seus habitats do que à caça (não falo da caça dizimatória com armas de fogo e outros artifícios), apesar de ser uma região onde o canário foi muito caçado, no sul mineiro podemos encontrar uma das maiores densidades deles soltos de todo o Brasil.

Portanto, é sempre bom saber que não estamos criando nada. Simplesmente herdamos um produto feito e muito bem feito pela Natureza, pródiga em sabedoria e muito dura na seleção dos melhores.

Desde o momento em que nos propomos a criar o canário da terra, temos o dever ético de mantê-los como eles sempre foram até o momento. Eles não precisam de grandes melhorias genéticas. Melhorar o quê? O belo e colorido fenótipo? O porte elegante? O temperamento destemido na defesa do seu território? O típico e desafiador canto em qualquer dos seus dialetos?

Afinal, vamos inventar a roda?

Temos, isso sim, é de dar a eles condições de manejo ideais para que possam manifestar todo o seu potencial genético. E procurar sempre juntar os melhores, sejam machos ou fêmeas, imitando a seleção natural da lei dos mais fortes. E, nunca é demais lembrar, mantendo condições higiênicas, principalmente alimentar e antiinfeciosa, aumentar a sua longevidade e o seu potencial reprodutivo, permitindo não somente a sobrevivência da espécie como a possibilidade da povoação das poucas áreas ainda existentes que possibilitem a sobrevivência das avezinhas.

Se gosta de criar, procure criar com os melhores espécimes selecionados pelo tripé tipo/temperamento/canto. Se fizer consangüinidades, principalmente as muito próximas, faça-as sobre indivíduos realmente excelentes. Não exerça a cegueira do criador que não vê os defeitos, que sempre existem, da sua criação. De bonzinhos o mundo está cheio e o inferno já está desprezando. E o excelente para a criação nem sempre está pendurado nas estacas dos torneios.

Não junte pássaros com os mesmos defeitos. Crie-os com o tamanho médio determinado pela seleção natural; se resistiram através dos anos com esse tamanho médio fica claro ser ele o

ideal para a manutenção da espécie. Tente compensar parceiro grande ou pequeno com parceiro de tamanho ideal. Pequeno com grande dará grandes e pequenos na grande maioria das vezes. Lembro-me de criador de cães pastores dos mais antigos que, tendo fêmeas claronas, procurava compensar usando com elas machos escuros para tentar conseguir o seu ideal de manto preto sobre um amarelo forte; por infringir a boa conduta genética, conseguia filhotes escuros ou claros e, quase nunca, os pretendidos com manto preto sobre amarelo forte. No quesito fibra não há lugar para machos ou fêmeas tímidas.

Gosta dos peruanos? Eu também os acho muito bonitos, bons cantores e de comportamentos belicosos. Crie-os puros. Evite mestiçagens. Mestiçar para quê? Hibridação e mestiçagem não são processos fáceis como parece aos mais desavisados. Se já é difícil criar os puros com bons resultados, e quando falo em bons resultados falo em conseguir melhorar a qualidade do plantel para o fim que se quer, imagina o cruzamento mestiço e, pior ainda, o híbrido entre espécies ou variedades diferentes! E, mestiçando ou hibridando, cria-se uma dúvida jurídica. Os mestiços e híbridos seriam nativos ou alienígenas? Seriam espécies novas ou subespécies? Deveriam constar na lista de controlados do IBAMA ou não? E se forem soltos na Natureza, que danos ecológicos trariam?

As mutações são bonitas? Realmente são. Já criei mutações de outras espécies de pássaros e enchia os meus olhos com a beleza das cores. Lindas. Mas, é matéria para entendidos que se dedicam profundamente a ela, pois, algumas vezes, as mutações surgem trazendo juntas doenças genéticas incapacitantes. Portanto, todo o cuidado deve ser tomado na seleção dos pássaros para a criação de mutações. Procure criar ou fixar mutações seguindo fielmente conselhos dos criadores experientes e não fique tentando ser o criador do mundo. E as mutações não são novas espécies ou subespécies como pensam alguns; somente representam pequenas alterações do genoma de uma espécie.

Os dialetos diferenciados, como o metralha e o carretilha, agradam os ouvidos de muitos? Gosta deles? Crie pássaros que geneticamente tenham siringes e marcações cerebrais desenvolvidas para essas qualidades canoras. Não fique misturando linhas dotadas para qualidades diferentes e dando nó no cérebro dos pássaros.

A vida do criador de canários que cantam estalo e têm valentia e fibra para defenderem os seus territórios é mais facilitada, embora trabalhem com qualidades advindas de poligenia e multifatoriais. Essas qualidades já foram (vêm sendo, na verdade) selecionadas pela mãe Natureza. Basta ao criador não ser enxerido tentando fórmulas mágicas para melhorar o que não pode ser melhorado. O ideal seria raçadores capazes de transmitir, de maneira dominante, alelos homozigóticos para as qualidades que se deseja ou alelos qualitativos vindos de pais diferentes. Procure-os de maneira racional tentando a homozigose em pássaros realmente de excelência genética (alelos para a qualidade desejada vinda de um mesmo ancestral) ou a heterozigose com os alelos trazendo a qualidade desejada de ancestrais diferentes (chamaria de heterozigose qualitativa para a característica desejada). No segundo caso é essencial para quem procura fibra ter um plantel de fêmeas excelentes nesse item e somente usá-las com machos de fibra comprovada. Meia boca exigirá uma boa dose de sorte para dobrar a genética.

Gosto muito do caminho do item 22 do início dessas elucubrações. Parto do princípio, e não tenho a veleidade de ser o dono da verdade, de já ter havido uma seleção consanguínea dos canários-da-terra na Natureza, a qual, inclusive, leva uma grande vantagem de poder eliminar os mais fracos de maneira drástica e sem compromissos éticos. E também já foram depuradas as taras genéticas que poderiam acompanhar as consangüinidades.

Voltemos ao que já foi dito para não ficar o dito pelo não dito, como diria minha avó. Os canários vivem em bandos, dos quais os mais fortes e voluntariosos se apartam para formar casais (casais de ponto) que irão criar novas famílias dentro do próprio território ocupado pelo bando do qual saíram ou, para alguns, também em territórios vizinhos, o que, acho mais difícil. Segundo alguns trabalhos, os filhotes desmamados distribuídos também por territórios vizinhos aos dos seus de nascimentos, dependendo da área territorial e da disponibilidade de alimentos, evitariam a perpetuação de consangüinidades muito próximas (santa Natureza!). Os casais de pontos poderão ser os mesmos de anos anteriores, ser formados por macho que já criou nos anos anteriores com fêmea ainda nova, talvez sua filha e outras n possibilidades. Ocorre o mesmo com as fêmeas. Lembro-me que, ainda adolescente, todos conheciam os casais que criavam durante muito tempo numa mesma árvore, nas mesmas cruzetas de postes ou na mesma caveira de boi encravada no topo de um mourão de cerca (canários ou canárias de ponto). Fora do período de cria, algumas vezes os mesmos pássaros poderiam ser vistos fazendo parte dos bandos. Quando caçavam um macho acasalado, a fêmea logo aparecia com outro, às vezes no dia seguinte, e prosseguia a sua estação de cria. Não me lembro bem, porque levava varadas de marmelo se aparecesse em casa com fêmeas, ainda mais acasaladas, mas o mesmo devia ocorrer com os machos se caçassem as fêmeas. Vejam só quantas possibilidades genéticas dentro de um mesmo bando com aves de vários pais e mães entrecruzando-se entre elas e, algumas vezes, com aves de outros bandos vizinhos aparentados ou não aparentados.

Nesse contexto, a luta pelas lideranças premiava os canários, machos ou fêmeas, mais valentes e com fibra à flor da pele para manter o espaço conquistado. Os reis da cocada preta também deveriam ter porte físico suficiente para se sobreporem aos outros. Num mundo em que somente procriavam os mais fortes e voluntariosos, era de esperar que essas qualidades fossem se solidificando por homozigoses vindas de consangüinidades muito próximas.

E aqui chego ao fulcro da questão. Já notaram como muitos dos canários dos torneios de fibra vieram de criações sem o mínimo controle genético por parte do criador? Como os canários criados atualmente em cativeiro ainda estão geneticamente muito próximos dos nativos, esses criadores usufruem da seleção realizada pela Natureza. Basta juntar fêmeas e machos com boas qualidades no quesito valentia/fibra e fazer figa. E aí surgem duas possibilidades que poderão manter as qualidades genéticas dos canários-da-terra ou acabar, no decorrer os anos, com as qualidades naturais da excelente ave. Juntando-se pássaros de tipo e comportamento (temperamento + caráter) já selecionados naturalmente manteremos e, até sob alguns aspectos melhorarmos, as qualidades que tanto atraem nos canários-da-terra. Ao contrário, se houver cruzamentos entre pássaros fora do padrão de tipo e/ou de comportamento tímido e assustadiço fatalmente, no correr dos anos, quanto mais nos afastarmos das bases naturais (várias gerações somente de canários nascidos em cativeiro) estaremos colaborando para o

aniquilamento da espécie de *Sicalis flaveola brasiliensis*. E aí, eu creio, reside a maior participação dos criadores responsáveis, os quais, representam a única saída para a continuidade da existência de tão importante e representativa espécie de pássaro.